

M. Patrão Neves

**PMA: DO DESEJO DE UM FILHO AO
FILHO DESEJADO**

SEPARATA DO LIVRO

DO INÍCIO AO FIM DA VIDA
ACTAS DO COLÓQUIO DE BIOÉTICA
FUNCHAL, 18 E 19 MARÇO DE 2005



Publicações da Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Braga 2005

PMA: DO DESEJO DE UM FILHO AO FILHO DESEJADO

M. Patrão Neves*

“Do início ao fim da vida”, tema geral da presente Jornada de Bioética, retoma um dos primeiros e mais significativos motes da história da bioética fixado em 1978 pela célebre obra de Paul Ramsey, *Ethics at the Edges of Life*¹. “Início” e “fim”, “geração” e “morte”, as duas fronteiras da vida humana, sempre exerceram sobre mim um particular fascínio. Atraíram-me, num primeiro momento, de um ponto de vista estritamente filosófico. A geração do nosso ser foi-nos dada e a nossa morte será, de alguma forma, sofrida, isto é, o nosso início e o nosso fim escapam-se-nos na medida em que estão para aquém e para além do nosso domínio, da nossa iniciativa. Entre o início e o fim, entre a geração e a morte, decorre toda uma existência de que somos verdadeiramente co-autores (e não exclusivamente autores na medida em que a existência de cada um é inexoravelmente condicionada por uma infinidade de pessoas e uma multiplicidade de circunstâncias). E ao longo da nossa existência, da vivência da nossa vida, tornamo-nos capazes de dar um sentido aos factos que são a nossa geração e a nossa morte. A geração e a morte, o puramente natural, tornam-se assim humanizadas pelo sentido.

Num segundo momento, as fronteiras da vida humana atraíram a minha reflexão de um ponto de vista mais especificamente bioético. O nosso início e o nosso fim que, de facto, sempre estiveram para aquém e para além do nosso domínio, caem agora sob o poder do homem que, através do desenvolvimento das biotecnologias, se

* Professora Catedrática de Ética, Universidade dos Açores.

¹ RAMSEY, Paul – *Ethics at the Edges of Life. Medical and Legal Intersections*. New Haven: Yale University Press, 1978.

tornou capaz de produzir a vida e de adiar e suspender a morte. A geração e a morte, o puramente natural de que o homem se apropriara através do sentido, são agora artificializadas pelo poder biotecnológico do homem. Deparamo-nos assim com uma estranha contradição: é quando o homem ganha domínio efectivo sobre os factos da sua geração e morte que estes se lhe parecem escapar!

“PMA: do desejo de um filho ao filho desejado” constitui pois um tema de reflexão que me é particularmente grato e ao qual, aliás, já no passado me dediquei² sob diferentes perspectivas seja: destacando como a infertilidade, que determina o recurso à PMA, se descobre apenas através do desejo de um filho, na medida em que a maioria das pessoas só toma conhecimento da sua própria infertilidade após a expressão assumida do desejo de ter um filho; ou realçando que a PMA é sempre uma resposta a um desejo o qual tem vindo a aumentar à medida que tem também aumentado a capacidade de resposta da PMA para o filho desejado.

Este “filho desejado” de quem aqui falamos, gerado através das técnicas da PMA, nasce definitivamente no domínio de intersecção entre a descoberta da infertilidade, na correspondente explicitação do “desejo de um filho”, e o poder de a superar, através do recurso às técnicas reprodutivas, na geração do “filho desejado”. Por isso, proponho que nos centremos nestes dois pólos da questão em aberto: a infertilidade (o “desejo de um filho”) e o modo como se lhe pode responder; o poder da PMA (o “filho desejado”) e o modo como se o utiliza.

² Cf. PATRÃO NEVES, M. – “Infertilidade e o desejo de procriar: perspectiva filosófica”. NUNES, Rui; MELO, Helena [coord.s] – *A ética e o direito no início da vida humana*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001: 75-97; “Infertilidade e o direito a ter um filho” (no prelo), palestra proferida no âmbito da Curso Intensivo sobre “Procriação Medicamente Assistida”, organizado pelo Instituto de Bioética, da Universidade Católica Portuguesa, que se realizou no Porto, no dia 14 de Maio de 2004.

I INFERTILIDADE desgraça, doença, adversidade

A descoberta da infertilidade coincide com a descoberta da ausência do filho desejado ou, simplesmente, com a frustração do desejo de um filho. O modo como o facto da infertilidade é interpretado, a natureza que se lhe atribui, determina decisivamente o tipo de resposta que se lhe dá. Deste modo, privilegiaremos aqui os mais relevantes paradigmas de interpretação e de resposta à infertilidade, contemplando também a dimensão histórica em que cada um se inscreve. Assim, consideraremos sucessivamente a infertilidade como “desgraça” (ou “infortúnio”), a que uma perspectiva psicossocial procura hoje responder, como “doença”, que a biomedicina procura tratar, e como “adversidade”, que cada pessoa singular procura compreender no contexto da sua vida.

1.1. A infertilidade como desgraça (ou infortúnio)

A infertilidade é uma realidade desde sempre narrada ao longo da história da humanidade³. Ela é perspectivada como uma “desgraça” que se abate sobre a mulher, podendo ser narrada como castigo ou maldição, condenando-a à estigmatização e destinando-a ao ostracismo.

Com efeito, se a função social da mulher é tradicionalmente a de gerar filhos e cuidar da família, a infertilidade impede-a de desempenhar o seu papel na sociedade, tornando-a assim inútil. No passado, como ainda excepcionalmente em algumas sociedades coetâneas, o homem pode repudiar a sua mulher se esta for incapaz de desempenhar a sua função procriadora, de gerar os seus filhos e, nalguns casos mesmo, se for incapaz de gerar filhos-homem.

As revoluções social e biológica de que a segunda metade do século XX foi palco no Ocidente, permitiram revolucionar o horizonte de compreensão da “infertilidade”. Primeiramente do ponto de vista social, e a partir da decisiva entrada das mulheres para o

³ A infertilidade é narrada em vários textos antigos como, por exemplo, na *Bíblia*, com Sara, mulher de Abraão, e Isabel, prima de Maria, ambas tocadas por Deus para virem a gerar um filho.

